

**O PAPEL DA MEDIAÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM –
UMA ANÁLISE DO FILME “COMO ESTRELAS NA TERRA, TODA
CRIANÇA É ESPECIAL”**

Taiane Nascimento Andrade
Amanda Aguiar
Ana Flavia Cícero Conde
Guilherme Gazola Ferrari
Julio Cesar Freitas Giovanni
Larissa Thiwae Nagatani
Maria Rosa Ferruccio Monção
Mariane Zanella Ferreira
Marlene Aparecida W. Simionato
Mayara Almeida Bérghamo

Introdução

Este trabalho é resultado de uma atividade do Projeto de Ensino: “Arte e Deficiência: o cinema mostrando a vida”, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O constructo teórico que o fundamenta é o da Psicologia Histórico-Cultural, elaborada por L. S. Vigotski, A. R. Luria e A. Leontiev, pautada no método do materialismo histórico dialético de Karl Marx (1818-1883).

É a partir de toda a problemática trazida pela Revolução Russa de 1917 que a Psicologia Histórico-Cultural é construída. Após a vitória da Rússia, na revolução, o país encontrava-se totalmente acabado, necessitando nesse momento reconstruí-lo. Um dos grandes problemas da época era a educação, que atingia taxas altíssimas de analfabetismo, atingindo assim cerca de 70% da população. Além de reconstruir estruturalmente, busca-se, nesse momento, a reconstrução de uma nova constituição de homem, o homem comunista. Para a Psicologia isso vem como uma oportunidade de análise dos problemas de aplicação prática. Nesse sentido, Vygotsky reúne condições necessárias para idealizar uma nova concepção de educação e Psicologia, se sobrepondo a psicologia clássica, que era subdividida em naturalista e mentalista (Lucci, 2006). É a partir da concepção de educação trazida pela nova psicologia que este trabalho se embasará.

De acordo com Lucci (2006), para explicar funções psicológicas humanas, Vygotsky elaborou sua teoria na gênese e natureza social dos processos psicológicos, isto é, no princípio do materialismo histórico, que compreende o aspecto cognitivo por meio da descrição e explicação das funções psicológicas superiores, que para ele, são determinadas histórica e culturalmente.

Nessa perspectiva o caráter criador do ser humano é destacado. Assim, é a partir da apropriação e objetivação que o homem produz a cultura e, ao mesmo tempo, produz a si mesmo. Deste modo, todas as pessoas tem a possibilidade de se desenvolverem, entretanto, para isto é fundamental que tenham as mediações adequadas para suas necessidades específicas, e a partir dessas mediações possam se apropriar do conhecimento produzido pela humanidade ao longo da história (Barroco, 2007).

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo, a partir da análise da produção cinematográfica *Taare Zameen Par* (traduzido para o português: “Como estrelas na terra toda criança é especial”), realizar uma reflexão que demonstre a importância da mediação no processo de ensino-aprendizagem.

Método

Para desenvolver a reflexão, foi utilizado como instrumento de análise o filme *Taare Zameen Par*, uma vez que tal filme possibilita observar a importância do professor como mediador entre uma criança de oito anos que apresenta dificuldades de aprendizagem e os conhecimentos produzidos socialmente. A análise foi desenvolvida a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural.

Resultado e discussão

O filme indiano *Taare Zameen Par* (2007), traduzido para o português “Como estrelas na Terra, toda criança é especial”, dirigido por Aamir Khan e Amole Gupte, retrata a história de Ishaan Awasthi (Darsheel Safary), um garotinho de oito anos que

apresenta dificuldades na escola, sendo posteriormente diagnosticado como dislético. De uma maneira divertida a trama não perde o foco e, com muita sensibilidade, nos envolve do começo ao fim.

O filme é constantemente invadido por músicas que servem como falas dos próprios personagens. O primeiro musical retrata a rotina da família de Ishaan, é possível notar que o garoto comporta-se de uma maneira muito diferente dos demais membros da família. Enquanto o pai e o irmão levantam, comem, se arrumam e saem para o trabalho e escola, Ishaan espreguiça-se lentamente, demora para se levantar, “tirando sua mãe do sério”. Ao escovar os dentes e tomar banho, o garoto viaja em sua imaginação, atrasando-se para pegar o ônibus da escola.

O pai de Ishaan é representado como autoritário e sem paciência com menino. Após uma briga com um dos garotos do bairro, fica enfurecido alegando que é só Ishaan sair de casa para aparecer uma nova reclamação. Promete-lhe então, que se houver mais alguma reclamação o mandará diretamente para um colégio interno.

A mãe por outro lado, mostra-se mais calma e prestativa com o filho. Em uma das cenas, ajuda Ishaan com a tarefa da escola, porém, ao perceber o número de erros do garoto, demonstra-se inconformada, uma vez que já fizeram tantas vezes a atividade. Como ele pode esquecer tão rápido? Questiona a mãe. Preocupada, ela o alerta que desse jeito repetirá de ano novamente. Ao pedir para o garoto se concentrar, Ishaan brinca de “vesguinho”, deixando sua mãe nervosa. Entre as dificuldades do menino durante a realização da tarefa, nota-se a troca na escrita, por exemplo, escrever “te” no lugar de “de” erro comum cometido por crianças com dislexia.

De acordo com Rocha (2004), a Teoria Histórico-Cultural vê a dislexia como um distúrbio de aprendizagem, termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldades na aquisição e no uso da audição, fala, escrita e raciocínio matemático. Essas desordens são intrínsecas ao indivíduo e presume-se serem uma disfunção de sistema nervoso central. Entretanto, o distúrbio de aprendizagem pode ocorrer concomitantemente com outras desordens como distúrbio sensorial, retardo mental, distúrbio emocional e social, ou sofrer influências ambientais

como diferenças culturais, instrucionais inapropriadas ou insuficientes. O autor, então, conclui que disfunção neurológica é a característica fundamental que diferencia crianças com distúrbios de aprendizagem daquelas que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Lucci (2006) toma como o começo de seu pensamento as estruturas orgânicas elementares, que são delas que as funções psicológicas superiores se originam. As funções psicológicas elementares são de cunho biológico, portanto são presentes em crianças e animais. Essas funções sofrem influência do meio externo, por serem as ações reflexas ou automáticas. Já as funções psicológicas superiores são de origem social, pertencente somente aos homens, caracterizam-se pela relação das ações que são mediadas. É uma ligação entre as funções psicológicas elementares, e as culturais, que se desenvolveram com a evolução do homem.

Em relação ao desempenho de Ishaan na escola, podemos observar que as notas do garoto mostram-se muito inferiores em relação aos demais colegas de classe. As professoras parecem ficar assustadas e indignadas com tais resultados. Em uma cena do filme é possível perceber a dificuldade de Ishaan em realizar uma prova de matemática. O garoto demorou todo o tempo da aula para resolver uma única conta, 3×9 . Para calcular, ele criou imaginariamente uma história com nove planetas, no qual dominaria o terceiro planeta, Terra, para fundi-lo com o planeta nove, Plutão. Em sua imaginação Ishaan viajou literalmente pelo espaço em busca do resultado da equação. Ao final do combate entre os planetas, o “Capitão Ishaan” chegou ao resultado, após o planeta 9 ser destruído, 3×9 era igual a 3. Tal fato exemplifica o porquê das notas baixas do garoto.

Outra cena que retrata a realidade escolar de Ishaan ocorre durante a aula. Nela ele se dispersa olhando para fora da janela enquanto a professora fala qual capítulo do livro os alunos devem abrir. O garoto parece não escutar o que a professora lhe fala. Aos berros, ela consegue a atenção do menino e, então, manda-o ler uma frase e dizer quais são os adjetivos. Ishaan, ao tentar ler, diz à professora que “elas (as letras) estão dançando”, os demais alunos dão risada e a professora, achando que ele está de brincadeira, pede-lhe então que leia as letras dançarinas. O garoto tenta, mas não sai

som algum. Sem paciência com Ishaan, a professora, gritando, pede a ele que leia, o menino enrola toda a língua fazendo sons esquisitos. Incompreendido, é então mandado para fora da sala, permanecendo sozinho no corredor.

Ishaan, de castigo, faz brincadeirinhas que demonstram não estar se importando com tal fato. Alguns alunos passam por ele e comentam: “de castigo outra vez?”, “por que te colocam de castigo o tempo todo?”. “Esse aí já está acostumado”. Tais falas nos mostram que já se tornou um hábito Ishaan ser castigado e colocado para fora da sala pelos professores. Ao retornar para a sala de aula, um dos colegas de classe pergunta se o garoto fez o dever de matemática e se levou às provas assinadas pelos pais, caso contrário, estaria “ferrado”. Ishaan, ao dar-se conta que não fizera nenhuma das duas atividades, decide “matar” a aula e então, sai para passear pela cidade.

Outro ponto observável no filme é a falta de paciência que os adultos tem com Ishaan. Sempre irritados, gritam com ele e o insultam. Um exemplo é o pai que, ao perceber que Ishaan mentiu para a professora sobre estar doente, pede para que o garoto se explique em relação ao ocorrido senão ele (o pai) iria arrebatá-lo. Sua mãe tentou intervir de uma maneira mais calma, entretanto, o pai continuou aos berros exigindo uma explicação do menino.

Ao comparecerem em uma reunião escolar, os pais ouvem de uma das professoras que Ishaan não apresenta melhora em nenhuma atividade, que os livros continuam sendo seus inimigos, que ler e escrever são como castigos para o garoto. Às vezes escreve inglês e parece ser russo. A professora ainda diz que Ishaan parece repetir os erros de propósito, não presta atenção nas aulas. Uma segunda professora reclama que o garoto vive pedindo permissão para sair da sala, para ir ao banheiro, beber água e atrapalha a sala com as brincadeiras bobas. Uma das docentes comenta que os pais devem ter visto as provas do menino. Sua mãe surpresa pergunta à professora se ela enviou às provas, ao que esta responde que sim, para os pais assinarem e que as de Ishaan nunca retornaram (no início do filme Ishaan, com as provas em mãos, brincava com os cachorros e estes a destruíram). Na presença do menino, a professora ainda comenta: “ninguém vai acreditar que é irmão de Yohan”, uma vez que seu irmão é

muito estudioso. A diretora sugere aos pais que o garoto pode ter algum problema, que algumas crianças têm menos sorte, mas que existem escolas especiais.

Diante dos problemas escolares, o pai de Ishaan decide colocá-lo em um colégio interno. O garoto lhe implora para que não o mande para longe, que não quer ir para um colégio interno. No novo colégio, o diretor garante ao pai que este pode ficar tranquilo, pois naquele lugar já “domaram os cavalos mais selvagens”. A partir desse momento, podemos perceber a transformação de Ishaan. Em decorrência das situações vividas pela criança e do tratamento recebido no novo colégio, no lugar daquele menino alegre, arteiro entra em cena uma criança recuada, isolada, sem alegria e com medo.

Tal situação exposta pelo filme retrata a realidade brasileira segundo Tuleski e Eidt (2007). As autoras apontam que, os elevados índices de dificuldades e distúrbios de aprendizagem sugerem a ocorrência de diagnósticos indevidos resultantes da possível concepção negativa em relação a criança, seu desenvolvimento e práticas educacionais e avaliativas que desconsideram a política educacional do país; a qualidade da escola oferecida aos seus usuários; a relação professor-aluno; a metodologia de ensino, a adequação de currículo e o sistema de avaliação adotado; diferenças sociais e culturais que não são respeitadas no sistema de ensino; a família que segundo as autoras ainda é vista como aquela que desvaloriza a educação formal em detrimento do trabalho e consequentemente responsabiliza a criança pelo não aprender.

Na primeira aula no novo colégio o professor solicita que Ishaan interprete um poema que o colega de classe leu. Ao interpretá-lo, o professor não o compreende e pede que outro aluno interprete. As demais crianças dão risada deixando Ishaan constrangido. Ao final da aula, um dos meninos (segundo o professor o primeiro da sala) diz à Ishaan que ele explicou o verdadeiro significado do poema, que os outros apenas repetem o que o professor diz. Completa dizendo que o professor é muito exigente e sugere “lembre-se do que ele diz e imite-o”. Ao conversar com o novo colega de classe, podemos observar que, para Ishaan, estar naquele colégio significa um castigo, uma vez que ele pergunta ao colega porque os pais dele lhe deram esse castigo de colocá-lo no colégio interno se ele é o primeiro da turma.

Novamente, em outra aula, Ishaan apresenta-se disperso, olhando para fora da janela enquanto o professor fala aos alunos o que devem fazer, inclusive alertando que quem não desenhar as linhas perfeitamente retas, levarão cinco palmatórias. Ao perceber o aluno desatento, o professor lhe joga um giz na cabeça, e pedindo-lhe que responda onde está o pequeno ponto de giz que ele desenhou na lousa. Ishaan fica paralisado, o professor pergunta por que o garoto está olhando com olho de sapo. As crianças dão risada. O garoto responde que não consegue ver o ponto. O professor pede a outro aluno que mostre e este o faz. Ishaan leva cinco palmatórias, que, segundo o docente, servirão para que ele preste mais atenção. De modo autoritário e gritando, o professor pede a mão da criança e que ela feche os punhos. Após bater no garoto, pede que volte a estudar e que deve fazer as formas (desenhos) perfeitas, caso contrário levará mais cinco palmatórias na outra mão.

Em outra música, observa-se a revolta do garoto por não conseguir aprender. Ishaan se mostra violento, triste e assustado diante da situação. No quarto, chora descontroladamente, sozinho. Seus pais e seu irmão, ao irem visita-lo, encontram-se do outro lado da porta pedindo para que o garoto a abra. Ao abri-la o garoto sai correndo, chorando. A família consegue uma permissão do diretor para passarem uma noite com o garoto. O irmão dá a Ishaan um conjunto de tinta aquarela, pois Ishaan gostava muito de pintar, mas este não dá atenção ao presente e o deixa de lado.

O filme começa a se transformar com a entrada de um novo professor de artes, inicialmente temporário, Ram Shankar Nikumbh (Aamir Khan). Os alunos são surpreendidos com o som de uma flauta. Estes ficam curiosos e receosos vão em direção ao som. Levam um susto quando surge um homem vestido de palhaço cantando e andando pela sala. Todos os alunos aparentam estar encantados e envolvidos com a música, menos Ishaan, este permanece sentado em seu lugar imóvel, sem expressar reação ou emoção alguma.

Ao encerrar a música, o professor pede aos alunos que desenhem livremente. Porém, Ishaan, aquele garoto alegre e que adorava desenhar, agora permanece parado como uma estátua. O professor, diferente de outros, dá atenção ao garoto perguntando

se ele está procurando inspiração, Ishaan não responde e Nikumbh pacientemente lhe diz que não há problema, que eles não tem pressa. Ao final da tarefa, o docente percebe que todos os alunos desenharam, menos Ishaan. Pergunta ao garoto se ele não gosta de desenhar, porém este permanece calado.

Em outra cena, o professor pergunta ao colega de classe de Ishaan o que aconteceu com ele, que parece sempre estar assustado, o garoto responde que Ishaan entrou no meio do ano, que ele tem problemas, por mais que tente não consegue ler ou escrever, sempre leva punições, os livros e cadernos estão sempre rabiscados de correções em vermelho. Após tais informações, Nikumbh busca analisar os cadernos de Ishaan, percebemos nesta atitude a preocupação do professor em relação ao garoto e o olhar diferenciado para o problema do mesmo. Nikumbh, diferentemente dos outros professores que apenas castigam e insultam Ishaan, busca compreender o que se passa com o menino. O professor percebe que Ishaan está em perigo, que seus olhos berram por socorro.

Nikumbh decide ir à casa de Ishaan. Lá olha mais alguns cadernos escolares do garoto, e, de dentro de um deles cai um desenho. Surpreso, o professor pergunta quem fez aquilo, e a mãe de Ishaan responde que foi ele. Confuso, pergunta se o garoto gosta de pintar, a mãe diz que sim, que adora. Ao olhar os demais desenhos realizados por Ishaan, o professor encontra um que representa a separação entre ele e sua família.

Nikumbh busca saber dos pais qual a causa do problema de Ishaan. O pai pede que ele mesmo explique. Então o professor lhes aponta que os erros do garoto se repetem, seguem um padrão. Ishaan troca certas letras como “b” por “d” e vice-versa, confundindo letras similares, letras como “s” e “r” são invertidas. Para ele, o garoto não faz isso por burrice ou preguiça, mas sim por ter dificuldade em reconhecer as letras, tal dificuldade é chamada de Dislexia. Pode surgir também problemas adicionais, como seguir múltiplas ordens: “vá para página 65, capítulo 9, parágrafo 4, linha 2”, ou dificuldades motoras. Ainda alerta os pais de que a autoconfiança de Ishaan deve estar destruída diante de tudo isso, que ele parou até de pintar.

Lucci (2006) aponta que as funções psicológicas superiores não substituem as elementares, mas sim as superam. São essas funções psicológicas superiores as responsáveis pela evolução ontogênica. Evolução essa que só se torna possível, de acordo com Vygotsky, por causa da linguagem, ela quem fornece a mediação e a regulação dos comportamentos.

Dessa maneira, Lucci (2006) afirma que o homem se relaciona com o ambiente através da mediação, pois ele só passa a compreender objetos como eles realmente são, de acordo com a mediação da linguagem. Ela é responsável pelo salto psíquico do homem por causa de mudanças que ela proporciona. Mudanças essas que favorecem o homem a lidar com objetos externos, além de permitir a passagem de experiências acumuladas durante a história. Percebe-se com isso que Ishaan não havia se desenvolvido adequadamente, pois os professores não estavam exercendo sua função de mediador, ou seja, transmitindo o conteúdo de forma que fosse possível a apropriação por parte do garoto.

Conversando com uma amiga, Nikumbh se pergunta quando as pessoas irão entender que toda criança é diferente, que cedo ou tarde elas irão aprender, cada um em seu ritmo.

Na aula de artes, Nikumbh decide contar uma história para os alunos, de um garoto que não sabe ler e escrever, que tinha as palavras como suas inimigas, as letras dançavam assustando-o, “certo dia o garoto falhou e nos estudos desmoronou”, mas um dia “achou o ouro e o mundo ficou maravilhado com a teoria que ele contou”. Nota-se que Ishaan reconhece-se na história contada pelo professor, entretanto, quando o professor pergunta aos alunos se estes conseguem adivinhar quem é o garoto da história, ninguém responde, Nikumbh então mostra a foto e um dos alunos exclama, Albert Einstein, Ishaan leva um susto. Outro exemplo dado pelo professor é Leonardo da Vinci, de uma maneira ilustrativa e didática, Nikumbh mostra aos alunos a dificuldade que Vinci tinha para escrever, como por exemplo, escrever com as letras ao contrário. Ao perguntar para a sala sobre o inventor da lâmpada, Ishaan surpreende o professor ao

responder rapidamente: Thomas Alva Edison. Tal inventor, assim como os anteriores citados, também tinha dificuldades para entender o alfabeto.

Diante desses e de outros exemplos, o professor busca mostrar aos alunos que entre eles existem essas “pedras preciosas”. Que nem todos os entendiam e mesmo assim venceram e o mundo ficou maravilhado. Nikumbh então decide dedicar a aula daquele dia a esses “famosos prodígios”, deste modo, libera as crianças para criarem o que quiserem usando diversos materiais. Após a saída dos alunos, Nikumbh chama Ishaan e diz ao garoto que havia um nome que ele não tinha comentado, talvez porque ele não fosse tão famoso, o nome não citado era dele mesmo, não de Ishaan, mas sim do próprio professor, Ram Shankar Nikumbh. No lago, os alunos ficam encantados com a invenção de Ishaan e o aplaudem.

Outro fragmento do filme mostra o professor Nikumbh adentrando a sala do diretor. Ele diz que precisa falar sobre Ishaan, o diretor, sem ao menos saber sobre o que se trata, já começa a comentar que os demais professores também reclamam dele. Porém, não é essa a razão pela qual Nikumbh foi falar do garoto com o diretor. O professor comenta que o aluno é um garoto brilhante e que apenas tem um problema com a leitura e com a escrita, a chamada dislexia. A reação do diretor é a de agradecimento pelo professor, pois ele estava pensando o que dizer para o pai do garoto, que sendo assim, o lugar de Ishaan seria em uma escola especial. O professor tenta abrir os olhos do diretor, contrariando-o. Afirmar que o garoto é uma criança com inteligência acima da média e que tem o direito de frequentar uma escola normal. Ishaan apenas precisa da ajuda da escola, conseguirá se manter na escola tendo a ajuda dos professores, e que ele se disponibiliza a ajudar o garoto. O talento do garoto está em outra área, alega o professor ao mostrar as pinturas de Ishaan. Nikumbh pede ao diretor uma chance para o aluno, que sua letra e ortografia sejam ignoradas e que o garoto seja avaliado oralmente, enquanto isso o professor trabalhará a escrita e a leitura.

Nikumbh começa então o trabalho com Ishaan. Utiliza-se de vários instrumentos para ajudá-lo a compreender a escrita. Entre eles, escrever na areia, guache, massinhas, ditados, recursos em áudio, jogos etc.

Nesse fragmento do filme pode-se observar a importância que tal professor teve para o desenvolvimento de Ishaan. Ele agiu ocasionando mudanças na base do ensino ao invés de mudanças fragmentadas, exatamente o que Tuleski e Eidt (2007) afirmam ser necessário, pois objetivam atingir a criança de forma individual. O que possibilita atingir como resultado a mudança do enfoque: “não seria mais ensinar a criança a aprender, mas sim, aprender como ensinar a criança” (p. 543).

Tal mudança, segundo as autoras, possibilita a não utilização de rótulos indevidos, o que tornaria a criança capaz de apropriar-se dos fundamentos básicos da aprendizagem.

Ao final do filme é possível perceber o desenvolvimento de Ishaan. Aos poucos começa a ler, abotoar botões da camiseta, amarrar os sapatos e, por fim, voltar a pintar como a tempo não pintava. Em um campeonato de pinturas realizado pela escola, na qual havia centenas de pessoas entre elas adultos e crianças, Ishaan se torna o vencedor, sendo seu desenho escolhido para ser a capa do anuário do colégio. Nas palavras do diretor, os jurados escolheram o discípulo ao invés do mestre. Ao revelar o nome do ganhador, todas as pessoas aplaudem e ao entregar o certificado à Ishaan todos se levantam.

É possível perceber também a mudança que ocorreu na forma do diretor e dos professores se referirem a Ishaan para seus pais. O diretor aponta que é um orgulho tê-lo em seu colégio, e os professores alegres comentam que o garoto é um tipo muito espirituoso, que de começo não acreditavam que ele duraria na escola, mas que ele apresentou um grande progresso e que o filho do casal é brilhante.

O menino sai correndo e vai ao encontro de seu mestre, aquele que foi seu mediador, aquele que escutou seu grito por socorro e, diferentemente das outras pessoas, lhe ofereceu instrumentos alternativos que possibilitaram sua aprendizagem e devolveram ao garoto a alegria e a confiança que haviam se perdido.

Diante de tais questões é válido expor a conclusão de Tuleski e Eidt (2007):

Somente a Psicologia Histórico Cultural, que compreende o homem não somente como mais um animal na escala evolutiva biológica, mas sim, como um ser capaz de superar os limites

dados pelo seu surgimento através do desenvolvimento de instrumentos externos que modificam suas condições de vida e de instrumentos psicológicos (signos) que lhe permitem controlar seu próprio comportamento, é capaz de auxiliar na crítica e superação de algumas vertentes explicativas que servem muito mais à manutenção da atual sociedade excludente do que à sua transformação. (p. 539)

Conclusão

Desde o surgimento da Psicologia no Brasil tem-se notado a adoção de um discurso biologizante e psychologizante, mantendo a ideologia das diferenças individuais e a crença de que alguns são melhores do que os outros. Esta visão contribuiu, de forma determinante, para que fosse atribuída ao indivíduo toda responsabilidade do seu fracasso ou do seu sucesso, sem que se fossem questionadas as bases da sociedade e nem os processos que as desenvolvem, ignorando os aspectos sociais, culturais e econômicos ao qual o indivíduo faz parte. No filme analisado fica evidente no início da trama a culpabilização de Ishaan por sua dificuldade em aprender os conteúdos da escola. Dessa maneira, os indivíduos que são “incapazes” de se apropriarem do conhecimento produzido historicamente são excluídos do processo de produção e apropriação da vida, como demonstrado no filme, no momento em que Ishaan é expulso das aulas, por várias vezes.

“O movimento real do processo de desenvolvimento do pensamento não se realiza do individual para o socializado, mas do social para o individual” (Vigotski, 2000, p. 67). Para este grande estudioso da Psicologia, a cultura é a matéria prima para o desenvolvimento humano. É apropriando-se da cultura que os indivíduos passam a fazer parte do mundo e através do processo educativo o homem se desenvolve. Esse processo se dá de forma ativa e não mecânica. É nas relações do homem com o contexto social que esse processo se constrói e, ao mesmo tempo, é determinado pela singularidade de cada indivíduo.

[...] embora cada sujeito possa atribuir significado à sua vida e ao mundo, a individualidade e a subjetividade continuam ligadas à objetividade, ou seja, ao contexto sócio histórico.

Assim, a individualidade do homem só pode existir no social, sendo produto de suas relações sociais e das formas a partir das quais elas são por ele elaboradas. (Meira, 2011, p. 116)

Embora a humanidade tenha produzido várias possibilidades de desenvolvimento, a maioria da população encontra-se submetida a processos de empobrecimento material e espiritual. Segundo Saviani (2005, p. 13) “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. O professor Nikumbh acreditou na possibilidade de desenvolvimento de Ishaan, e investiu no aluno, no sentido de desenvolver as mediações adequadas para as necessidades daquela criança. Sendo assim, afirma Meira (2011) que cabe aos educadores realizarem o trabalho de mediação entre o aluno e os conhecimentos, através de metodologias adequadas para as especificidades de cada aluno. O indivíduo deve se apropriar não apenas da linguagem, dos instrumentos, objetos e costumes da cultura, mas também deve se apropriar das ciências, da moral, da política, da arte, da filosofia, etc. A condição humana não é dada ao homem a priori, mas sim construída por ele, a partir da assimilação e apropriação dos elementos culturais. “É exatamente este o espaço da educação escolar no processo de formação do indivíduo: o de atividade mediadora entre a esfera da vida cotidiana e as esferas não-cotidianas de objetivação do gênero humano” (Duarte, 1995, p. 98 citado por Meira, 2011, p. 127).

Concluimos que o filme foi um grande instrumento de reflexão, pois oportunizou observar praticamente os processos que envolvem uma criança com dificuldades de aprendizagem, bem como observar a importância do professor como mediador, levando em conta as especificidades de cada aluno. Assim, ficou claro que, como afirmou Vigotski (1997b citado por Barroco, 2007, p. 120) “a deficiência implica antes uma condição social que biológica”, deste modo, o homem pode transcender sua condição biológica, e a pessoa com alguma dificuldade, seja ela a mais severa ou não, pode se desenvolver. Para isto é fundamental que tenha as mediações adequadas para suas necessidades específicas, e que a partir dessas mediações possa se apropriar do conhecimento produzido pela humanidade ao longo da história.

Referências

Barroco, M. S. S. (2007) *A Educação Especial do Novo Homem Soviético e a Psicologia de L. S. Vigotski: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara.

Lucci, A. M.(2006). A proposta de Vygotsky: A psicologia sócio- histórica. *Revista de Currículum y formación del profesorado* 10,2, 1-10

Meira, M. E. M. (2011) Incluir para Continuar Excluindo: a produção da exclusão na educação brasileira à luz da Psicologia Histórico-Cultural. In: Facci, M. G. D.; Meira, M. E. M; Tuleski, S. C. *A Exclusão dos “Incluídos”*. Maringá: Eduem, 91-132.

Saviani, D. (2005) *Pedagogia Histórico-Crítica*. 9º Edição. Campinas: Autores Associados.

Taare Zameen Par. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Taare_Zameen_Par>. Acesso em: 2 jun. 2012.

Tuleski, S. C. & Eidt, N.M. (2007) *Repensando os Distúrbios de Aprendizagem a partir da Psicologia Histórico-Cultural*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 12, 3, 531 – 540.

Vigotski, L. S. (2000) *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.